

Sen. José Sarney  
24 ABR 1978

# fatos e rumores

# EM PRIMEIRA MÃO

De HÉLIO FERNANDES



JARBAS PASSARINHO

**Com o julgamento do caso dos passaportes, o Tribunal Federal de Recursos provou que é realmente o mais injusto e o mais reacionário de todos os tribunais do Brasil**

**O caso dos exilados ainda poderia alimentar uma possível controvérsia, e a decisão do Tribunal Federal de Recursos encontrar defesa ou justificação em algum aspecto menos conhecida de alguma lei igualmente desconhecida.**

Mas o caso do brasileiro "que perde o passaporte por ter trabalhado" para qualquer outro governo, em qualquer parte do mundo, é francamente hostil, reacionário, arbitrário, ilegal e não resistirá a uma análise do Supremo Tribunal Federal quanto à sua inconstitucionalidade. Esse julgamento do Tribunal Federal de Recursos não encontra amparo em nenhuma Lei de qualquer País do mundo, é o exemplo mais frisante daquilo que mestre Prudente de Moraes, neto, chamou de "antilei". Que saudades daquele Tribunal Federal de Recursos, que era considerado ruim, mas onde eu perdi de 6 a 5, depois da questão estar empata- da de 5 a 5, num julga- mento verdadeiramente importante (não pelo fa- to de estar envolvido este repórter, mas pela ques- tão importantíssima que se discutia).

\*\*\*

Há mais de 30 dias eu disse aqui que as duas úl- timas sucessões estaduais a serem resolvidas seriam as de Minas e São Paulo. E expliquei sem sombra de dúvida porque dizia isso. Agora, os dias foram se passando e a minha afir- mação vai se confirmando amplamente. Já foram anunciados 9 "governado- res", mais 4 podem sair hoje, mas está difícil de resolver os casos de Minas e de São Paulo.

\*\*\*

A esses dois casos se jun- taram agora os do Mara- nhão e do Pará, que se complicaram pelos mais diversos motivos. No Pará o senador Passarinho não abre mão de sua candi- datura, e se ele insistir nessa posição obstinada, não haverá solução possí- vel. Ele é sem dúvida re- nhuma a maior força elei- toral do Pará, e não im- porta saber como chegou a essa situação. O impor- tante é que em termos eleitorais ele é mais forte do que todos os seus ad- versários do Pará e de Brasília, juntos. Eleitoral-

mente ele ganha de todos. E como o que ele quer é o governo do Estado e não a liderança do Senado, será INEVITAVELMENTE o próximo governador do Pará, ou não haverá go- vernador nenhum. Isso é rigorosamente verdadeiro. Só haverá outro governa- dor para o Pará se o pró- prio Passarinho desistir do cargo. Mas como ele quer o cargo, então o go- vernador será ele mesmo, e o sr. Alacid Nunes terá que se contentar com ou- tro cargo e chorar as má- goas nos ombros do sr. Gustavo de Moraes Rêgo, outro dos derrotados pelo sr. Passarinho.

No Maranhão o sr. José Sarney está enfrentando uma resistência inespera- da. Ele tem também uma situação eleitoral invejá- vel, embora não chegue a ser tão esmagadora como é a do sr. Passarinho no Pará. O sr. Punes Freire está resistindo de forma imprevisível, e o sr. Lou- renço Vieira da Silva que é o seu candidato (aliás um bom candidato, e um dos ex-melhores amigos do sr. José Sarney) ainda leva muitas esperanças. Mas no final de toda es- sa mexida, sai mesmo "governador" o sr. José Sarney, que além do pres- tigio eleitoral insofismá- vel é um cozinheiro poli- tivo de qualidades indis- cutíveis.

\*\*\*

Ninguém se esqueça que o sr. José Sarney foi elei- to Governador do Mara- nhão num tempo distan- te e saudoso em que exis- tiam eleições diretas, e ele era candidato da mi- noritaríssima UDN, contra o majoritaríssimo PSD. Pois assim mesmo ele conseguiu se eleger. Fato idêntico só foi conseguido pelo sr. Magalhães Pinto, que candidato ao governo de Minas, em 1960, pela fragilíssima UDN, conse- guiu derrotar o sr. Tan- credo Neves que era o

candidato do todo podero- so PSD de Minas, então o maior do Ocidente. Nem a desculpa de que o sr. Tancredo Neves é real- mente ruim de votos, conse- gue diminuir o signifi- cado da formidável vitó- ria do sr. Magalhães Pin- to, fato repetido na mes- ma ocasião pelo sr. José Sarney no Maranhão. Por- tanto, não será agora, numa disputazinha de al- deia que irão derrubar o experimentado José Sar- ney.

\*\*\*

O jornalista Carlos Cas- tello Branco revelou ante- ontem, que o Presidente Geisel não permite de maneira alguma que se atribua a ele a palavra redemocratização. Com o curiosidade, acrescente-se que o ex-governador Car- los Lacerda também se re- cusava sempre a aceitar a palavra redemocratização, explicando: "Nunca tive- mos Democracia verdadei- ra portanto não está cer- to usar a palavra redem- ocratização". Várias ve- zes discutimos esse assun- to, mas Carlos Lacerda se mantinha inflexível con- tra essa palavra, da mes- ma forma que Carlos Cas- tello Branco diz que se re- belava contra ela o Presi- dente Geisel.

\*\*\*

O sr. Tancredo Neves tem dito a amigos que ainda não resolveu se disputará ou não a vaga de senador por Minas. A explicação para a indecisão do sr. Tancredo Neves é óbvia: ele tem pânico de enfre- ntar o senador Magalhães Pinto. No caso quase im- possível de uma reconcil- iação entre o sr. Maga- lhães Pinto e o sistema arenista, quando então o sr. Magalhães Pinto disputaria a reeleição pa- ra o Senado, o sr. Tan- credo Neves não seria candidato de maneira al- gumas.

\*\*\*

O sr. Tancredo Neves nunca se refez das mar- cas da derrota esmagado- ra que sofreu em 1960, e não deseja agravar essas lembranças desagradáveis

com nova derrota, que se- ria mais do que certa. Em 1960, candidato do in- vencível PSD de Minas, o sr. Tancredo Neves viu o governo de Minas fugir- lhe das mãos e passar às mãos do sr. Magalhães Pinto, então tido e havido como um simples candi- dato de protesto da isola- da e frágil UDN. Mas o candidato de protesto cresceu de tal forma, que derrotou amplamente, o sr. Tancredo Neves, rou- bando-lhe o governo de Minas e uma página imor- redoura da sua biografia. Agora, mais enriquecido (enriquecido pela expe- riência, e enriquecido pro- priamente dito de forma mais do que misteriosa) e mais cauteloso, o sr. Tan- credo Neves só tomará qualquer disposição depois de saber da disposição do sr. Magalhães Pinto. Mas é certo que não haverá de maneira alguma uma no- va disputa Magalhães- Tancredo. E não por de- cisão de Magalhães.

\*\*\*

Repercutiu pessimamente na Bolsa a resolução da Acesita de aumentar seu capital com 100 por cen- to de subscrição. Como o papel não tem dado mul- to aos seus acionistas es- tes anos todos, essa deci- são é um verdadeiro ab- surdo e vai prejudicar to- da a Bolsa. Como o Ban- co do Brasil é o maior acionista da Acesita terá que fazer a subscrição também, logo, cairá igual- mente. E assim cairão outras ações, por decisão impensada de um papel que não foi brilhante nem nos seus melhores tempos.

\*\*\*

Na verdade a Acesita nunc remunerou bem seus acionistas. Os especula- dores ganharam anos na Bolsa em boatos que se espalhavam misteriosa- mente de compra e ven- da de empresa, boatos que desapareciam no mesmo mistério, como tinham vindo. Esses 100 por cen- to de agora são de amara- gar.